

O DIFERENCIAL DE UMA OBRA

JULIÁN CARRÓN

Notas da Assembleia da “Escola das Obras” para os associados da CdO Obras
Sociais

Milão, 13 de junho de 2012

Bernhard Scholz. A Escola das Obras nasceu para permitir um diálogo, um confronto, uma formação contínua sobre todos os temas que dizem respeito às obras sociais. Falámos da liberdade como fonte de uma real construção, de quem não delega em outros, mas se põe em jogo na primeira pessoa; falámos de inserção laboral dos jovens, de sustentabilidade económica, que não é uma finalidade mas um instrumento absolutamente decisivo, de abertura das obras ao mundo, de colaboração, porque também isto é decisivo para o desenvolvimento de uma obra. Em todo este percurso foi cada vez mais evidente que esse depende do sujeito, ou melhor, do conjunto das pessoas que trabalham para e dentro de uma obra. Tornámo-nos também mais conscientes de que neste mundo – onde existem tanto projetos que tentam substituir a pessoa e a sua responsabilidade por automatismos, modelos e mecanismos – descobrimos uma beleza humana quando nos damos conta que tudo, a obra e a profissionalidade, são expressão de um eu que se põe em jogo. É preciso portanto uma posição autenticamente humana para que a obra possa estar realmente ao serviço do homem. Por isso, estamos muito agradecidos por termos aqui esta noite o Padre Julián Carrón, que aceitou o convite; é uma grande oportunidade para descobrir melhor em que consiste esta autenticidade humana, em que consiste uma posição verdadeira, criativa, capaz de transformar a realidade para o bem de todos.

Monica Poletto. As perguntas que fazemos esta noite nascem, acima de tudo, do trabalho da Escola das Obras deste ano, e afloram muitos temas. No diálogo e no percurso destes anos fizemos emergir com frequência pontos críticos e dificuldades; é algo a que, a certa altura, começámos a tomar o gosto, porque nos demos conta que faz parte de um caminho de homens e de amigos o fato de enfrentar todos os criticismos que transparecem do nosso trabalho. O fato de esta noite abordarmos algumas destas dificuldades tem um nexos com a percepção de uma grande positividade: isto faz-nos ser capazes de enfrentar tudo.

Intervenção. Trabalhando sobre a formação, que para nós significa ajudar as obras a serem mais profissionais, mais capazes de uma solidariedade operativa, interessámo-nos aprofundar o nexos entre duas afirmações que por vezes parecem contrastantes, se não mesmo contraditórias.

A primeira é que «pelo fruto se conhece a árvore», e portanto que em certa medida o resultado tem a ver com a validade da nossa acção. A outra afirmação, que entre nós repetimos com frequência, é que «precisamos ser livres do resultado». Muitas vezes temos em nós uma resistência a olhar com realismo o resultado das nossas acções. É

mais fácil ficar pela premissa – as razões por que fazemos as coisas – e apreender o resultado de modo parcial, enfatizando quase exclusivamente os sucessos e censurando, pelo contrário, os pontos críticos, de incapacidade. Reparámos que uma certa forma de dizer «Somos livres do resultado», quando não é propriamente uma expressão de irresponsabilidade, pressupõe um grande medo de encarar o resultado, porque sentimos que consistimos nesse resultado. Ao mesmo tempo vamos descobrindo como fascinante e humanamente conveniente a tensão para olhar o resultado das nossas acções com o desejo de que emergjam todos os fatores, de modo a sermos corrigidos por aquilo que acontece, pelo resultado. Como se unem a tensão para aprender com o resultado das acções, por um lado, e a liberdade em relação ao próprio resultado, por outro?

Julián Carrón. Um esclarecimento apenas não basta para poder realizar uma resposta; é muito importante que nos demos conta de que não nos bastam explicações, precisamos daquilo que torna possível que nós possamos realizar aquilo que ouvimos como resposta. Para poder reconhecer e realizar aquilo que ouvimos como resposta é necessário uma experiência humana, uma consistência sem a qual a resposta continua a ser teórica. Isso é decisivo. Por isso, se toda a assembleia de hoje não for inserida dentro do caminho que estamos a fazer na Escola de Comunidade, garanto-vos que é uma perda de tempo, mesmo que consigamos responder tim-tim por tim-tim a todas as perguntas, porque não basta “saber” as respostas. Este é um exemplo claro: como posso, no fundo, ser livre do resultado? A primeira coisa que é preciso perceber – como cada um é capaz de reconhecer logo por experiência própria – para começar a ser livre, é reconhecer que qualquer obra, qualquer tentativa de resposta a uma necessidade é sempre imperfeita. E isto não apenas por sermos pecadores: mesmo o santo mais santo não pode senão fazer uma tentativa irónica. Se começamos a reconhecer a imperfeição de cada ato humano, de cada gesto humano, de cada tentativa humana, então poderemos aos poucos ser livres para começar a ver o que não corre bem, a reconhecê-lo, sem nos sentirmos julgados ou postos em causa somente por isso, porque pertence a cada gesto humano o ser imperfeito. Apesar disto, que todos reconhecemos porque fazemos a experiência disso todos os dias, por vezes – como vocês dizem – estamos dispostos a reconhecer as coisas que correm bem enfatizando os sucessos, mas estamos menos dispostos a reconhecer os pontos críticos. Porquê? Porque há um grande medo. Lembrem, não havia nada mais desagradável para os professores da escola de que eu era diretor do que julgar o que acontecia. Eu fazia uma pergunta muito simples: «Um rapaz que vem para a nossa escola, depois de quatro anos num liceu, que experiência fez? Podemos dar um juízo para começar a perceber qual é o resultado do nosso esforço educativo, até para melhorar e mudar?» Estavam dispostos a tudo excepto aceitar um juízo. No máximo resta o sentimentalismo, graças ao qual os alunos, terminada a escola, se nos encontrampela rua nos cumprimentam com gosto. Parabéns! É o máximo a que conseguimos chegar? Muitas vezes temos medo porque colocamos a consistência naquilo que fazemos. Quem dizia isto muito bem era Dom Giussani num artigo de 2000, republicado na *Tracce* de junho, no qual defendia João Paulo II ao pedir perdão pelos erros que a Igreja tinha cometido na história. Emdado momento diz: «Todas as ideologias têm um aspecto segundo o qual o homem está

seguro ao menos numa coisa que ele próprio faz». Quer dizer: as ideologias colocam a consistência naquilo que fazem. E qual é a consequência? «Nunca vai querer renunciar nem nunca pôr em causa» aquilo que faz. Simples, cristalino como água. É isto a ideologia; «mas o cristão sabe que os seus esforços e tudo quanto possui ou faz têm sempre de ceder à verdade». Porque é imperfeito e portanto a verdade é maior do que aquilo que conseguimos fazer. Vale a nível pessoal e a nível operativo, qualquer obra que façamos. O que é que, então, permite a um homem reconhecer os limites do que faz? Dom Giussani o diz com esta frase: "O cristão não está apegado a nada além de Jesus" (L. Giussani, «Aquela grande força do Papa de joelhos», la Repubblica, 15 marzo 2000, p. 16). Só se estivermos apegados a Jesus, se não colocarmos a nossa consistência em mais nada a não ser Jesus, é que podemos conseguir reconhecer os limites daquilo que fazemos. Por isso é importante que nos demos conta que não basta saber que a obra é imperfeita, não basta saber que as ideologias colocam a consistência naquilo que fazem, não basta saber que a única possibilidade é ter Jesus, mas é necessário que Jesus esteja tão realmente presente, seja uma experiência tão real, que eu possa ver também o meu limite, o meu mal e a minha incompletude sem me escandalizar, porque a minha consistência não está nisso, porque a minha consistência está realmente em Cristo: «O cristão não está apegado a nada além de Jesus». E isto não se improvisa fazendo uma obra, porque não pertence à obra, pertence ao caminho de fé que cada um faz. E se não o faz, é evidente que isso, depois, se vê na incapacidade de reconhecer os limites da obra; assim, muitas vezes os problemas são problemas pessoais não resolvidos. Não são problemas da obra são problemas nossos: não temos a consistência adequada para reconhecer o que é imperfeito e o que não corre bem. Portanto, só alguém que tenha consistência pode constantemente tender a aprender, sendo livre do resultado. Sem uma experiência assim – que vem como consequência ou amadurece através do que se faz – as perguntas, mesmo conhecendo a resposta teórica, não as conseguimos resolver.

Intervenção. No princípio, quando a obra é pequena, é muito fácil que não perca a origem; a missão da obra é clara, e geralmente as pessoas que a orientam tendem a não perder o objetivo. Mas para muitos, à medida que se cresce, há um desvio de percurso, e quando se apercebem já não se tem a clareza da missão da obra e da sua origem. O que me preocupa é que a nossa obra cresce cada vez mais, chegam novos voluntários e estes trazem novas propostas de modificação. Esta pressão para mudar tem um aspecto positivo, porque nos põe em movimento e não nos deixa tranquilos; mas traz o risco de afastar-nos da origem e da finalidade da obra. Todos os dias temos combatido batalhas reais para manter viva a missão da obra e por vezes penso não ser capaz de a manter viva muito tempo. Gostaria que me ajudasses a compreender como posso viver este crescimento natural da obra sem que se afaste da origem nem perca a clareza da finalidade.

Intervenção. Também nós ao longo destes anos tivemos que levar em consideração a crise que vivemos. Algumas obras correm o risco de ver terminar uma experiência que se considera rica para os outros e para quem a conduz. Não é seguramente um momento muito fácil. Perante a crise, a operatividade normal falha, é preciso

aprender, introduzir e desenvolver algumas funções que até agora não eram habituais, como, por exemplo, a função comercial ou de gestão. É necessário rever a tipologia e a qualidade dos serviços. É necessário, enfim, interagir profundamente com a realidade que temos pela frente, com um contexto em permanente evolução. Não nego que este trabalho não seja espontâneo nem natural. «O que é que estamos a fazer?», «Para onde vamos?»: São perguntas que constantemente nos colocamos entre nós. Ao enfrentá-las vem frequentemente a pergunta sobre a origem da obra, sobre a finalidade. Muitas das nossas cooperativas, com efeito, nasceram de experiências de voluntariado, de caritativa, talvez um tanto pioneiras, há muitos anos, de modo absolutamente inovador para responder com generosidade às necessidades das pessoas que se encontravam, e quem as fundou deu realmente muito para que existissem. Neste trabalho de constante confronto com a situação atual, notei que um certo modo de referir a origem obra, sobretudo quando esta não foi alimentada pela experiência vivida ao longo dos anos, e portanto hoje se encontra fixada sobre a modalidade inicial, bloqueia o estímulo para o confronto com o contexto e, por conseguinte, o desenvolvimento da própria obra. Como se ultrapassa esta forma quase de posse da origem da obra, que vendo bem revela ser um obstáculo ao desenvolvimento da obra? E qual é a fonte deste erro?

Carrón. É evidente que em toda a obra onde haja uma vida, existe um risco. Se há vida e a vida se move, existe sempre risco. E isso é, em si, inevitável, porque a vida passa constantemente entre nós através da liberdade. Portanto, não é tanto um problema de crescimento ou não crescimento; o problema é que toda a obra passa sempre através da liberdade da pessoa. Mesmo se não crescesse, de fato, nem por isso estaria assegurada a permanência da origem. A dificuldade daquilo que vocês perguntam é mais uma luz de aviso desse niilismo de que falámos nos recentes Exercícios da Fraternidade. Nós gostaríamos que fosse sempre tudo mecânico, que não houvesse riscos. Chegamos sempre a este ponto: o escândalo da liberdade. Já contei o episódio em que um taxista, assim que viu que eu era padre, me disse que é um escândalo Deus ter dado liberdade aos homens; eu disse-lhe: «Ouça, o senhor gostaria que a sua mulher não gostasse de si livremente, mas por ser obrigada por um mecanismo biológico?» «Claro que não!» «E pensa que o Mistério tem menos gosto que o senhor?! O Mistério gerou um ser livre precisamente porque não tem menos gosto que o senhor». Todas as leis do universo não valem um «sim» dito livremente. Quando alguém gosta de ti, isso interessa muito mais à tua vida do que todas as leis do universo. A liberdade, portanto, não é o pedágio a ser pago ou qualquer coisa que é preciso suportar, é esta faculdade fascinante nós, os humanos, temos e nos permite não sermos mecânicos e viver, arriscar, participar na aventura; e por isso crescer, sermos cada vez mais nós próprios porque nos implicamos cada vez mais naquilo que fazemos. Então, em vez de nos assustarmos com isto, temos de usar todas as oportunidades, todas as ocasiões como possibilidade de crescer na nossa autoconsciência. E se aparecem outros para se envolverem nas suas obras, eles são um desafio para cada um de vocês, porque é a possibilidade de também eles gerarem nesta perspectiva, de os fazer ser homens, de os fazer participar. De que serve a obra se não torna os homens mais homens? Não serviria, seria um fracasso logo na partida. Porém, se cada um que chega é uma possibilidade e é um desafio

para nós (porque não nos deixa dar as coisas por óbvias e nos exige estar presentes como se fosse o primeiro dia), então nos dá uma contribuição do outro mundo para não nos fecharmos no nosso cantinho, na nossa inércia, no nosso já-sabido, porque temos de dar a outro que aparece o testemunho daquilo que nos move. E isso, paradoxalmente, é a maior oportunidade para a obra não perder a origem. Sou eu a ter constantemente necessidade da origem para poder viver todas as situações! Por isso não se pode falar da origem como algo estático, porque eu preciso responder e enfrentar os desafios que tem o presente, que é o lugar da verificação da própria origem (se for capaz de aceitar todos os desafios que a realidade sempre nova apresenta). Bastaria pensar como a fé sempre teve de enfrentar em todas as épocas da história o desafio de comunicar a mesma mensagem com outra linguagem, compreendendo que para permanecer fiel a si mesma tinha de se desenvolver. Não bastava uma repetição mecânica de determinadas palavras, porque as palavras tinham mudado de significado, ou se usavam outros termos. Então era necessário desenvolver a origem, caso contrário perdia-se. Veem? É o contrário: a origem só permanece como uma coisa viva. Senão, está morta e enterrada, ou perdeu-se pelo caminho alterando o ponto de origem. Porém, é precisamente a constante necessidade da origem para enfrentar o desafio do presente que torna possível que a origem permaneça viva. Temos necessidade disto; e por isso não basta uma repetição formal. Dom Giussani dizia que para comunicar o cristianismo era preciso de algum modo "recriá-lo" continuamente. Se Giussani não o tivesse feito, muitos de nós não estariam aqui. Não basta uma repetição formal da origem, porque a origem nunca é formal! A origem é um evento, um ponto inflamado que, a dado momento, fez brotar a liberdade de alguém. Se deixa de existir, então tudo se torna chato. É por isso que Dom Giussani sempre disse que o método é sempre o mesmo: uma coisa que vem antes. Mas não só na origem: é algo que vem antes sempre, em qualquer ponto do caminho, porque é mesmo um evento. A origem é um evento, é um impulso, é uma genialidade, uma novidade. Esta origem deve permanecer, não como no início, mas a mesma do início.

Intervenção. Temos compreendido como é importante que os lugares de condução das obras são lugares de real tomada de responsabilidade, onde essa responsabilidade entre nós muitas vezes foi e é evitada pela afirmação: «Estou naquele lugar por mim». No entanto, parece-nos que este dualismo é julgado como tal; de fato, na minha experiência eu não consigo pensar que um lugar é para mim, se não assumo a responsabilidade que nesse lugar está implicada. Dito isto, notamos muitas vezes a passagem daquilo a que chamamos, ironicamente, “monarquia” a uma condução partilhada com dificuldade; e o esforço que temos de partilhar anda ao lado do esforço de delegar, que é fazer crescer as pessoas. Quando esta passagem se dá, temos assistido a experiências impressionantes. Há cooperativas que nestes tempos de crise têm visto a tomada de responsabilidade por parte de todos: mas isso foi fruto de um trabalho de quem as conduz e do envolvimento das pessoas. Não é uma coisa que se inventa. E ao mesmo tempo é um fruto pelo qual estamos gratos. Nas obras começa a haver muitos jovens que crescem e se tornam responsáveis. A nós parece-nos que este esforço que subsiste depende de um problema de concepção. Eu não vivo uma corresponsabilidade se não pensar que isso seja um

“mais” para mim, que faça parte da minha natureza, que seja de alguma forma um responder à realidade através da aquisição de novos fatores, que seja um bem para mim e para a obra.

Carrón. Assumir a responsabilidade é sinal de maturidade do adulto, sem assumir uma responsabilidade nós continuamos a ser crianças. Então, assumir a responsabilidade é sinal de que vamos crescendo como homens. E isto é decisivo para nós, porque é assim que nós realizamos a nossa humanidade. Nós realizamo-nos como pessoas neste caminho. Não é que a realização da minha vida vai por um lado e a obra pelo outro, como se existisse um dualismo. Não: eu realizo-me enfrentando todos os desafios que a vida me apresenta, em casa, nos relacionamentos, no trabalho, e também na responsabilidade que tenho de assumir. Por isso a vida é aprender a relação que existe entre o eu que cada um de nós é e as pessoas, as coisas, os desafios, as circunstâncias que se nos deparam. Se não respondermos a isto, não respondemos à modalidade com que o Mistério nos chama através da realidade, e portanto não crescemos. Pensem se a realidade não vos desafiasse, se não existisse, se estivesse lá sem vos provocar. O nosso encefalograma seria plano, como vemos em tantos à nossa volta. Se uma pessoa começa a ver a realidade assim, começa a ver que o fato de que o real o provoca é um bem, é um bem para que o eu não fique em estado de ter um encefalograma plano. Então começo a olhar para realidade como amiga, qualquer circunstância como amiga. E quem entra no meu horizonte, independentemente das intenções com que o faz, tenha ou não tenha razão, põe-me em movimento. Se cada um de nós não responde a isto, a vida para nós passa sem se cumprir a finalidade para a qual existe, que fazer-nos ser cada vez mais nós próprios. Tanto assim que Dom Giussani, no décimo capítulo de *O Sentido Religioso*, diz que uma pessoa que não é desafiada intensamente pela realidade não pode ter a consciência de si que tem outra que o foi. Mas não por ser melhor ou pior, mais inteligente ou menos inteligente. Não, é que se a realidade não te desafia e não te provoca e não faz entrar em movimento todos os teus recursos, é como alguém que não faz nenhum exercício físico; se não faz nada, não é que fique lesionada, simplesmente fica por ali, paralisado; não faz nada “contra”, mas como o exercício faz parte essencial da condição física, se não o faz, sabemos o que acontece. É um exemplo banal daquilo que acontece na vida, no ser humano: se a minha inteligência não é desafiada, se a minha liberdade não é desafiada, se a minha afeição não é desafiada, sou como um morto-vivo. Então, se não compreendemos que isso é um bem, nós defendemo-nos, descarregamos e queixamo-nos sempre dos desafios da vida. Se em vez disso começo a compreender, então não quero que me seja poupado nenhum desafio, é uma oportunidade porque qualquer coisa que o Mistério permite, ainda que não a entendamos, nos é dada para a nossa maturidade, para o nosso crescimento, para nossa humanidade. É este o valor do tempo, da história: fazer-nos ser cada vez mais nós próprios. Se não compreendemos isto, defendemo-nos. E de que é que nos defendemos mais? Daquilo que mais nos pode desafiar: o “tu” do outro. Por que é que, então, temos tantas vezes esta concepção “monárquica”? Porque o outro me importuna e seria melhor que não existisse. Esta é uma concepção que dificilmente alguém coloca em discussão. É uma concepção errada do eu: penso poder dizer «eu» sem dizer «tu». E

defendo-me do outro, em vez de reconhecer – como tantas vezes acontece, se formos leais – que se nos sentamos à mesa com outros, aparecem uma quantidade de ideias que a mim sozinho não surgiriam. Então vemos que o outro é um ponto decisivo, que me dá algo que me convém e que, portanto, defender-me do outro é uma estupidez. Assim o outro não é uma coisa a evitar, do qual ficar afastado porque “incomoda”; pelo contrário, começo a ver o outro como alguém que pode dar uma contribuição à minha obra, àquilo que quero construir. Porque o outro apenas pode contribuir se eu lhe der espaço para o fazer. Podem ver qual é a vossa concepção com um teste simplicíssimo: do outro vocês defendem-se ou veneram-no como um bem e um recurso? E rapidamente compreenderão a concepção que têm do vosso eu. A vida é simples, porque em cada coisa com que nos relacionamos demonstramos a nós mesmos se o outro faz parte da modalidade como digo «eu» ou se o outro é extrínseco e justaposto ao meu eu. O eu é concebido ou como relação ou como isolamento. Este é o grande desafio.

Intervenção. Outro aspecto da responsabilidade que notámos que está muito em jogo é a questão da coincidência entre forma e substância das coisas. O fato de não obedecer à forma que é a obra – pelo que os lugares de responsabilidade formal não coincidem com os lugares de responsabilidade substancial – introduz um ponto de desobediência no seio da obra que se repercute sobre tudo, até sobre o fato de que quem guia se projeta a si mesmo e à sua imagem.

Carrón. Isso é o dualismo na obra. Se quiserem esvaziar os lugares de responsabilidade, basta uma coisa muito simples: decidir fora desses lugares. Já a mataram, porque levam ao lugar de responsabilidade coisas já decididas. Então é uma brincadeira! Assim os lugares de responsabilidade tornam-se formais. É uma brincadeira para as pessoas que convidam para os lugares de responsabilidade: «Se tu já decidiste, por que me convidas? E se me convida para vir aqui, porque não decide aqui? Quer dizer que não precisas de mim». Têm de ter a liberdade de mandar as favas quem se comporta assim em relação a vocês: «Eu não venho mais a um lugar formal». Porque isso é o túmulo das vossas obras, porque isso favorece os personalismos que não produzem nada de bom. Se não se adotam certos órgãos para a condução, não é porque não confiam em nós, mas porque se conhecem todas as nossas limitações. Uma das coisas que mais confusão criavam, quando eu era diretor, era fazer os horários das aulas. Era a grande discussão anual, porque se uma pessoa tem um bom horário, o ano letivo já é muito diferente. Qual era a maneira de sair desta situação? Dizer: «Para evitar que eu faça alguma coisa levado pela minha subjetividade e que vocês tentem chantagear-me, vamos entrar em acordo antes: vamos decidir os critérios. Assim vocês não me importunam mais. Porque eu não quero ceder à minha subjetividade (posso ceder pela minha fragilidade, como vocês); mas vocês também podem ceder, não apenas eu. Então vamos dar um critério para depois aplicar». Por isso desde que estou em Milão a guiar o movimento tenho somente uma regra de condução: cada qual é livre de ter todos os relacionamentos que tem, com quem quer, isto não só não é negativo, como é um bem para todos nós; no entanto, há lugares de decisão, e que ninguém se permita decidir alguma coisa relativa ao movimento enquanto tal fora dele. Basta, não existe

outra regra. Esta é a modalidade para não esvaziar um lugar de condução, porque se as coisas se decidem fora, então esvazia-se automaticamente.

Intervenção. Em 2009 disseste na CdO: «Que a caridade penetre nos interstícios dos nossos calculismos é algo que deve estar sempre diante de nós como ideal, como tensão a ter. Porque, sendo todos nós pecadores, não estamos de modo nenhum isentos de decair da gratuidade e acabar no mero cálculo, pensando que somos preservados unicamente porque pertencemos a uma amizade como a nossa. O risco, e não só, de entrincheirar-se numa defesa corporativa daquilo que fazemos, porventura encerrando um projeto de hegemonia política, está sempre à espreita. Que a gratuidade seja a extrema conveniência significa uma disputa em procurar o bem que passa pelo respeito das leis, mas que faz desta gratuidade afeição, construção pelo bem comum, correção sem reticências perante a queda contínua» (J. Carrón, «A sua obra é um bem para todos», *Tracce-Litterae communionis*, n. 11, 2009, p. VIII). Isto começou a ser para nós um ponto de trabalho. Vou contar um caso. Num recente trabalho institucional fomos chamados a dar o nosso juízo sobre um projeto de lei num prazo apertadíssimo. Isso podia ser uma enorme fonte de queixas: o costume da administração pública fingindo ter em conta as nossas opiniões, um trabalho inútil que não irá trazer nenhum fruto, irão prevalecer outras dinâmicas... Em vez disso, pusemo-nos a fazer um trabalho de conhecimento, certos de que, num mundo que está em mudança, a participação ativa e não queixosa é o verdadeiro recurso. Como resultado inesperado deste intenso e fervoroso trabalho, os nossos interlocutores tiveram presente os nossos juízos. Uma de nós comentou: «é este o método. A participação ativa e não queixosa é o verdadeiro recurso». Isto não é para dizer como nós somos fantásticos, mas como o humilde trabalho de confronto, e uma posição aberta e que valoriza como ideal o bem comum, dá, em primeiro lugar, uma enorme satisfação e, querendo Deus, traz também estes frutos inesperados. Mas há momentos em que nas relações institucionais nos debatemos em posições ideológicas, com uma dureza do interlocutor da qual deriva um lamento que trava a gratuidade, a tensão para o bem comum de que falávamos. Muito frequentemente parece que a posição mais predominante é uma inércia, que choca com a posição que temos descoberto recentemente. Como ajudar-nos a manter esta tensão para a gratuidade, mesmo em momentos em que o embate com a instituição parece ser a única via disponível?

Carrón. Como manter acesa a gratuidade? Em outras palavras: que experiência de vida a reacende? Isso não depende da instituição, não depende da nossa capacidade, mas depende da participação num lugar de vida que te redesperta constantemente, que te torna cada vez mais capaz de participar numa experiência que te faz transbordar dessa plenitude da qual pode nascer uma gratuidade. Porque a gratuidade é o extravasar, o transbordar de uma pleniude. Nós podemos partir de um pleno ou de um vazio. Se partimos de um vazio, estaremos sempre à mercê do resultado, daquilo que conseguimos fazer. E se assim é, logo que a estrada for uma subida vamo-nos cansar e depor as armas. Pelo contrário, para poder viver a gratuidade não basta dizer a palavra «gratuidade» ou saber o que é, é necessário que a gratuidade aconteça, é necessário que participemos numa experiência tal que

nenhuma derrota nos possa deter, porque não dependemos disso, porque o ponto de origem da nossa gratuidade está noutra parte! Esse é o valor da experiência cristã como ponto de origem de uma modalidade de estar na realidade de modo diferente, verdadeiramente novo. Todos os outros, no fundo, se queixam. Porquê? É inevitável que se queixem, não por serem maus, mas porque não têm uma experiência no presente que os preencha constantemente. E isto não é um problema da obra, do outro que não vos dá ouvidos, da instituição... Até podiam todos dar-vos ouvidos, e o problema da vossa gratuidade não ficaria resolvido. Só uma origem diferente nos torna protagonistas de um trabalho; não um trabalho aproximativo, mas um trabalho profundo. Não podemos pensar que, dado que vivemos uma experiência bela, nos é poupado este trabalho, como se bastasse dizer uma palavra mágica. Não, é necessário abordar com precisão as questões e mostrar através daquilo que fazem que têm presentes todos os fatores e que sabem resolver melhor os problemas que se apresentam. E isso – todos o sabemos – não se dá do dia para a noite, mas é um trabalho, como disseste muito bem. Mas por vezes têm de lutar contra uma posição ideológica. Então é um desafio à tua criatividade. Porventura não tens de fazer isso com os teus filhos, que às vezes se confundem e ficam renitentes? E o que é que tu fazes? Manda-los passear? Ou são um desafio para ti? «O que lhes posso dizer? Que lhes posso contar? Que lhes posso dar para ler?». E vais para a cama, acordas de manhã e vais trabalhar. E depois – «boa!» – acontece-te alguma coisa que te dá uma dica para oferecer a eles. Não é diferente com os interlocutores no trabalho, porque são relações. Então, vê se cada vez que te encontras perante uma determinada situação te esforças; imagina que, em vez de reclamar da ideologia do outro, te perguntas constantemente: «Como devo eu entrar em relação com isto? Que lhes posso dizer para que não se defenda? Que lhe posso oferecer? Que lhes posso contar?». E muitas vezes o outro pode não compreender. Dou muitas vezes o exemplo de Abraão. Imagina se, quando foi chamado, ele tivesse ido ter com Deus para queixar-se: «Olha que estes não me dão ouvidos, não compreendem, são ideológicos...» (todas as coisas que nós dizemos). O que é que Deus lhe teria dito? «Mas foi precisamente para isso que te chamei! Eles não compreendem: é por isso que te chamei a ti, para que comecem a compreender!» Deus concede a graça a um para que, através desse um, possa chegar aos outros. Nós, em vez disso, atiramos a culpa ao outro por não compreender. Não! Tu tiveste esta percepção, esta graça, este rasgo de começar algo: a graça é para ti, e através de ti chegará aos outros de um modo e por meio de um desígnio que não sabes. Imagina se Abraão tivesse começado por medir quanto tempo ia ter de passar até os outros compreenderem... Teria ficado cansado uns dias depois. O desígnio de Deus para fazer os outros participarem daquilo que nos dá não somos nós a decidir.

Intervenção. Aquilo a que tu chamas «o projeto de hegemonia» parece um atalho. Por vezes parece que esta posição de gratuidade é uma posição mais fraca. Gostaria de aprofundar este ponto porque, ao invés, me parece que o resultado que se obtém é qualitativamente diferente, porque a hegemonia pressupõe que não exista liberdade.

Carrón. Exato. Com a hegemonia tu podes chegar ao destino porque tens um companheiro de escalada, mas não porque o convenceste. Assim não fazes um

trabalho sobre as razões da tua contribuição ao mundo. Muitas vezes podemos contentar-nos com prevalecer hegemonicamente, mas no fundo perdemos culturalmente; no entanto, podemos vencer culturalmente, mesmo não prevalecendo hegemonicamente. Isto quer dizer que nós não temos mais nada a comunicar ao próximo senão aquilo que nos aconteceu (e não sabemos de quanto tempo vamos precisar e tudo quanto vamos precisar para que isso vença; quando São Bento começou, quem iria pensar quantos séculos seriam necessários!). Mas nós pensamos: ou coloco a moeda na máquina e cai a bebida, ou então está errado. Não, não está errado, é simplesmente que o ritmo é um Outro quem decide, o desígnio é de um Outro. Por isso, se uma pessoa não tem um fundamento adequado, quanto tempo resiste? O problema não é as coisas não funcionarem de acordo com o que nós previmos, mas que não temos uma consistência. E portanto queixamos-nos, começamos também nós a participar no lamento geral. Ou então simplesmente depomos as armas. Por isso é fácil que tantas pessoas, depois de uma, duas, três vezes, se cansem e desistam. O problema é a tensão. Tal como fazes com os teus filhos. Pensa se a tua mulher medisse quantos sorrisos tinha de fazer para arrancar o primeiro sorriso do bebé. Vê quantas vezes trataste assim os interlocutores no trabalho! Pensa nisso, e verás como não há muita diferença.

Intervenção. A pergunta é inerente ao trabalho com outros colaboradores. O local de trabalho é um lugar de formação e de educação. Entrando na realidade do trabalho se aprende ao mesmo tempo a profissão e a estatura humana. Um dos aspectos mais significativos do meu trabalho é a formação dos funcionários (professores, tutores, educadores). Tendo a responsabilidade de ensinar um ofício, sobretudo tendo tantos jovens começando a trabalhar comigo, tenho de ter atenção na transmissão de um método. E o método não é nunca um tecnicismo, não se pode esgotar num aspecto meramente profissional, e do mesmo modo é através da pontualidade de transmitir um método profissional que se transmite uma posição humana. Sobre esta unidade (entre a aprendizagem de uma profissão e uma posição autenticamente humana) há ainda dificuldade, porque me dou conta que posso facilmente deslizar para uma aproximação no ensino do ofício, permanecendo depois como um chamado de atenção à posição humana.

Carrón. Isso não serve, porque só podes despertar a posição humana através do que fazes. Não é que cansas os teus alunos durante o tempo da aula e depois lhes dê o sermão nos cinco minutos finais! O problema é se consegue mantê-los uma hora atentos por ser tão interessante aquilo que lhes explicas (por meio dos instrumentos com que o explicas, o método que usas). E assim ensinas um método e despertas o humano. Caso contrário, o despertar do humano reduz-se a um sermão... Aqui, como Giussani sempre nos ensinou, conteúdo e método coincidem. Jesus não começa por fazer um sermão a Zaqueu e lhe diz depois: «Vou a tua casa». Não. Diz-lhe uma única coisa: «Vou a tua casa». Zaqueu compreendeu logo. Recebeu-O contentíssimo. O conteúdo (o olhar) e a palavra que diz (o método) coincidem; não são duas coisas distintas. Portanto, se não cuidamos do método, é porque não temos amor ao conteúdo; com efeito, o conteúdo comunica-se apenas através de uma forma, um método. Por isso é que Dom Giussani tinha tanto apego à questão

metodológica, porque é através da metodologia que fazes entrar algo nas fibras do ser dos jovens. Esta manhã um professor falou-me de uma colega fantástica que encanta os estudantes com a maneira de explicar coisas que para os outros são chatas; tanto assim que uma mãe lhe disse: «Tenho inveja da minha filha por ela ter uma professora assim!» O que é que a mãe desta jovem terá visto! O que lhe terá contado a filha para a invejar! Esta identidade entre conteúdo e método não se pode inventar num dia.

Intervenção. Ainda hoje, quando nos pedem para descrever qual é a origem, o ato gerador das nossas obras, normalmente dizemos que nasceram na tentativa de responder a uma necessidade. Mas a experiência ensinou-nos que o desenvolvimento de uma obra não pode ser determinado pela necessidade, e deve ser caracterizado por realismo e prudência. Dom Giussani disse isto também em 1987 em Assago: «As características das obras geradas por uma responsabilidade autêntica devem ser o realismo e a prudência. O realismo está ligado à importância do fato de o fundamento da verdade ser a adequação do intelecto à realidade; enquanto a prudência, que na Suma de São Tomás é definida como um critério reto nas coisas que se fazem, é medida pela verdade da coisa antes ainda que pela moralidade, pelo aspecto ético de bondade. A obra, justamente por tal necessidade de realismo e prudência, torna-se sinal de criatividade, de sacrifício e de abertura» (L. Giussani, O eu, o poder, as obras, São Paulo, Cidade Nova, 2001, p. 164). Por outro lado, sabemos que qualquer atividade que façamos, qualquer atividade humana em geral, contém uma parcela de risco; aquilo a que chamamos «jogar o coração para lá do obstáculo». E muitas vezes constatamos isso na experiência: exatamente nos momentos menos estruturados, menos programados, acontecia qualquer coisa, e a Providência abriu-nos caminhos novos e imprevisíveis. Mas corremos constantemente o risco – e aqui está o nó da questão – de aprisionar e desnaturar as nossas obras na tentativa de garantir a sua sustentabilidade económica. Com muita frequência, a necessidade económica predominante e a manutenção dos postos de trabalho, sobretudo agora, arriscam desnaturar e aprisionar a própria obra. Por isso, a pergunta é: de que modo este realismo e esta prudência não se convertem numa medida e num freio ao desenvolvimento? E perante uma solicitação da realidade – a necessidade encontrada, a oportunidade, a proposta, a nova relação que nasce, o desejo de ajudar novas obras – de que modo realismo e prudência sugerem os passos a dar?

Carrón. Realismo e prudência devem constantemente obrigar-nos a fazer o ponto da situação. Se a situação muda, realismo e prudência podem-vos levar a redimensionar a obra. Não devem continuar teimosamente, contra o realismo e a prudência, a seguir em frente como se nada acontecesse. O realismo e a prudência são a modalidade para ultrapassar o dualismo. A fé desperta a razão e faz com que a usemos segundo todas as suas características de conhecimento da realidade, segundo todos os fatores e, por conseguinte, com realismo e com a aplicação da prudência como reto critério (como diz São Tomás) das coisas que se fazem. Se começam a fazer abstração disto na obra, então começam a ir contra a razão. Querem responder à necessidade ou querem afirmar-se a vocês próprios? Jesus podia ter resolvido o

problema das ONG no Terceiro Mundo, bastava ceder à primeira tentação no deserto: «Faz com que estas pedras se convertam em pão». Podia tê-lo feito e o problema teria sido resolvido. Por que não o fez? Porque não era o desígnio de Deus, teria sido uma modalidade de Se afirmar a Si mesmo contra o desígnio do Pai. Então, nem tudo o que parece bom, se for contra o desígnio de Deus, é justo, porque muitas vezes não sabemos se estamos afirmando o desígnio de Deus ou apenas o nosso umbigo. E como sabemos isso? Se obedecemos à modalidade com que o Mistério nos dá os recursos. Se temos bastante para fazer cinco – digo sempre –, não fazemos quatro-e-meio, fazemos cinco. Mas se apenas podemos fazer três, fazemos três. Porque antes de responder de acordo com a nossa medida temos de aprender a obedecer. De resto, mesmo se fizesse vinte e oito em vez de três, seria sempre uma gota no oceano da necessidade. A nossa presunção é esta: pensamos que inchando um pouco mais a obra resolvemos alguma coisa. Não resolvemos nada! Resolvemos apenas um pedacinho mais de uma necessidade que é infundável em relação a tudo quanto fica por fazer. Portanto, se a um dado momento é preciso redimensionar a obra por realismo e por prudência, devem redimensioná-la. Porque é desse modo que vocês obedecem. Se, depois, a situação se altera e podem voltar a fazer outra vez aquilo que faziam anteriormente, é preciso redimensioná-la mais uma vez, porque continua a ser uma obediência. Se não procederem assim (em nome da necessidade, em nome do que é bom, em nome do fato de ser uma obra justa, em nome de não sei que coisas), fazem o que querem, afirmam-se a vocês mesmos porque não aceitam os sinais da realidade. E assim metem-se em apuros, mas isso não é o desígnio de Deus. Isso é a afirmação do nosso umbigo. Que uma obra seja verdadeiramente uma presença não depende das dimensões da obra, depende da diversidade que traz. É por isso que Dom Giussani usava a palavra «exemplo». As obras não são a tentativa de responder a toda a necessidade que existe, são só um exemplo. Por isso vocês me ouviram dizer outras vezes que Jesus não curou todos os doentes do seu tempo. Podia tê-lo feito, não é que não tivesse recursos para o fazer. Mas o desígnio de Deus era outro. Se Deus não o faz é por não ter recursos ou porque o Seu desígnio é outro? Talvez nos devamos fazer esta pergunta simplícima, porque isso nos dará paz, não para nos acomodarmos e não fazer o que devemos fazer (como se fosse um narcótico que nos tranquiliza), mas para fazer memória de que o desígnio de Deus é aquilo que deve “comandar” as obras. Como sabemos que obedecemos ao desígnio de Deus? Simplesmente se obedecemos aos sinais. Um exemplo: os nossos amigos da Irlanda, como havia o Congresso Eucarístico, tiveram a ideia de fazer alguma coisa significativa. E um deles disse: «Vamos levar a exposição 'Com os olhos dos Apóstolos', sobre vida de Jesus em Cafarnaum, apresentada no Meeting de 2011». Uma loucura! Parecia uma loucura. «Vamos tentar. Vamos ver se conseguimos encontrar os meios para o fazer». Parecia uma coisa impossível: uma comunidade tão pequena, uma despesa tão grande. Encorajei-os desde o princípio: «A única condição é: obedecemos aos sinais. Se chegarmos a encontrar pessoas que compreendam o alcance que isto pode ter para a Igreja na Irlanda, fazemo-lo. Caso contrário, paz, será que o Senhor não quer. Se quiser, mobilizará o que tem de ser mobilizado». Realmente mobilizou, e conseguiram fazer uma exposição grandiosa! Hoje contaram-me coisas surpreendentes que têm

acontecido. Esta é a modalidade. Se se consegue, fazemo-lo, com audácia, sem nos pouparmos. Mas se não conseguimos, paramos, para não fazer estragos.